

O PLATONISMO EM CAMÕES

António Monsanto Registo *

INTRODUÇÃO

A filosofia platónica estava em moda no séc. XVII devido, em grande parte, à reacção antiaristotélica. Platão passou a ser considerado como o "divino Platão" por ter tratado em profundidade o inesgotável tema do Amor. A sua imaginação e uma palavra inspirada leva-o a criar símbolos e alegorias de encanto poético. Para além disso, a sua doutrina era muito semelhante à da tradição cristã, passando-se facilmente da essência da sua filosofia à essência do pensamento cristão. Esta inspiração foi tão forte que Leão Hebreu julgou-o inspirado pela Bíblia.

Para Platão, os corpos do "mundo sensível" são apenas "sombras" das Ideias (com "substância real"), que existem no "mundo inteligível".

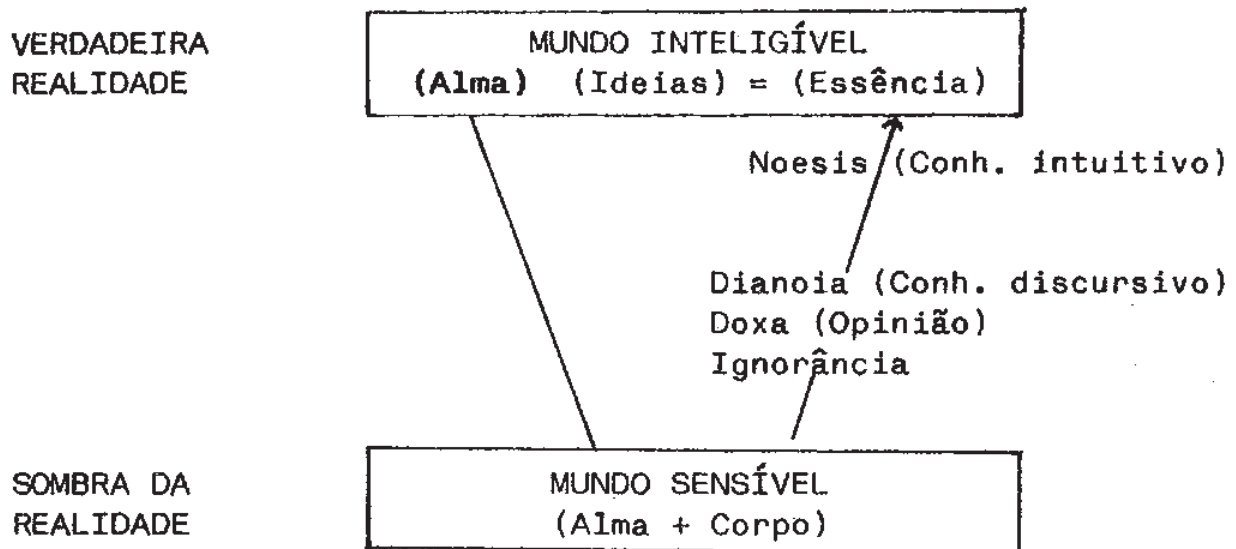
Os esquemas que seguem mostram-nos como Platão concebia o Mundo e o Homem:

(*) Licenciado em Filosofia. Professor do ensino secundário.

Esquema Nº 1:

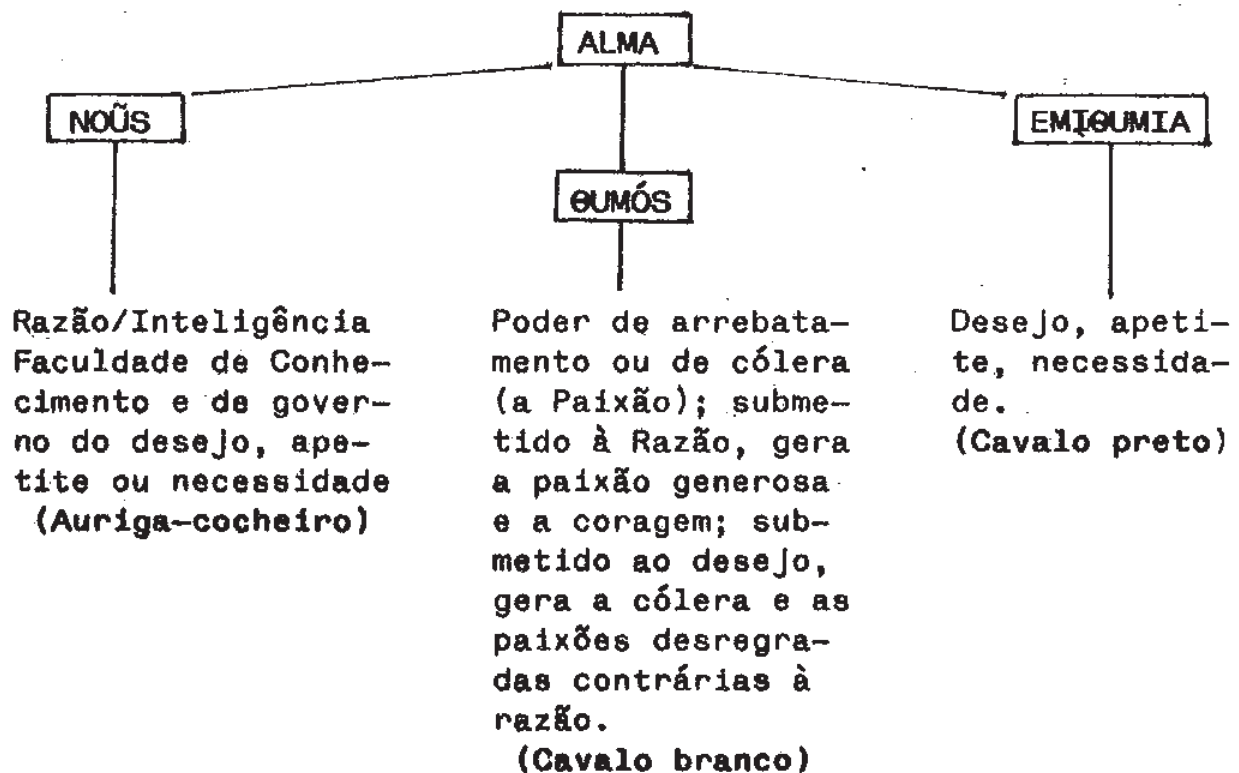
PLATÃO

O Dualismo Cosmológico - A Teoria das Ideias



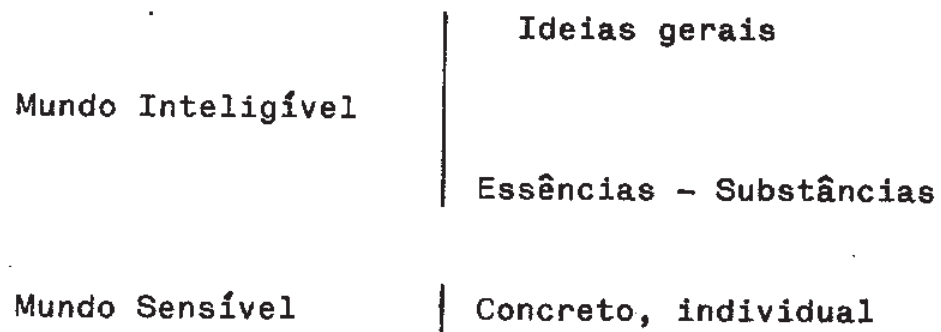
Esquema Nº 2:

Concepção tripartida da alma
(o mito do auriga)

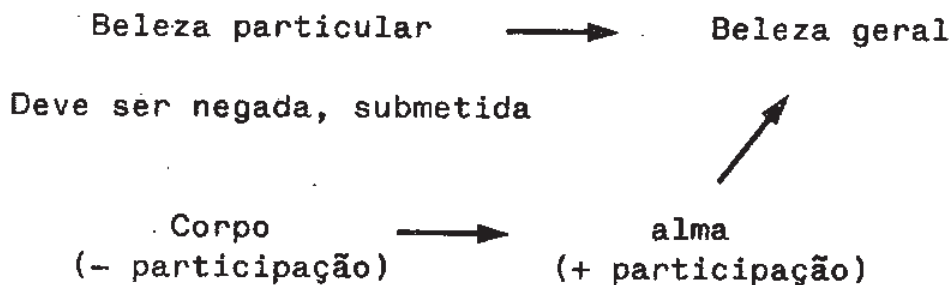


Só o noûs é imortal. A alma, em relação com o sensível, tende a esquecer-se da sua natureza e a degradar-se, mantendo-se no esquecimento da sua condição originária.

Assim, as "realidades substanciais" existem no homem apenas como "sombras", pois, na verdade, elas apenas têm realidade no mundo das Ideias (Ideia de Beleza, Ideia de Amor, Ideia de Justiça, Ideia de Bem...) Os homens "participam" destas Ideias pela "reminiscência". Os "entes rationes" (os homens concretos) são "justos", "belos", "amorosos" (amantes) por "participação". Há portanto um princípio fundamental: só podemos conceber em plenitude as "Realidades Substanciais" se abstrairmos do concreto e do individual:

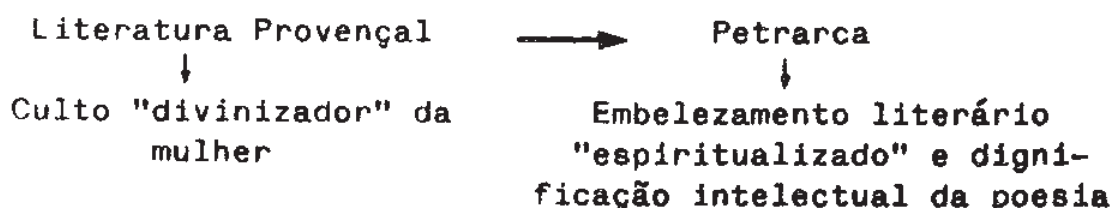


Da beleza particular (espécie) deve-se caminhar para a Beleza geral (género):



Estas teorias platónicas marcaram profundamente a literatura Medieval e Renascentista.

Podemos definir o caminho literário do Platonismo:



Petrarca absorveu, na análise da natureza e do amor, importantes subsídios platônicos. Camões recebeu a tradição platônica através de Petrarca, mas também, segundo alguns críticos, através de leituras da escola flamengo-germânica, o que era comum no "Curso Filosófico Conimbricense". No entanto, coloca-se a hipótese de Camões, enquadrando-se no movimento neoplatônico, ter lido directamente Platão: "O Banquete", o "Fédon", entre outros. Temos, porém, uma certeza: na estética da sua lírica o neoplatonismo sobrepôs-se ao aristotelismo.

A POESIA "PLATONIZANTE" DE CAMÕES

1 - A "mulher amada"

É vista como um "ser luminoso". A imagem da luz conota uma outra luz, não apreendida pelos sentidos, mas pelos "olhos imortais":

"Que os olhos ausentes

...

Não vêem os cabelos ...

Vêem logo a graça pura

A luz alta e severa

Que é raio da divina fermosura ..."

(Ode VI, estrofes 4-6)

A luz tornou-se exclusivamente espiritual; não é própria, é "alheia": "raio da divina fermosura". A beleza encontra a sua essência: é um reflexo da beleza de Deus, uma aparência de outra coisa que o "amante" se torna apto a perceber à medida que "à viva alma o fogo interno/ lhe gaste as nódoas do terreno manto" (Ode VI, estrofe 1). Consciente da origem divina da beleza, o poeta fixa-se, apesar de tudo, na "mulher visível". O desprendimento, o esquecimento da mulher para se fixar na contemplação de Deus verifica-se nas redondilhas "Sôbolos Rios":

"Porém se, para assentar
o que sente o coração,
a pena já me cansar,
não canse para voar

a memória em Sião.

.....
Mas eu, lustrado co santo
Raio, na terra de dor,
de confusão e d'espanto,
como hei-de cantar o canto
que só se deve ao Senhor?
Tanto pode o benefício
Da Graça, que da saúde,
que ordena que a vida mude;
e o que tomei por vício
me faz grau para a virtude;
e faz que este natural
amor, que tanto se preza,
suba da sombra ao Real,
da particular beleza
para a Beleza geral"

Na ode VI, o platonismo funciona como superlativação da Beleza, porque descobrir a origem divina, torna-se uma forma de a exaltar:

"Pois vós, ó claro exemplo
de viva fermosura,
que de tão longe cá noto e contemplo
n'alma, que este desejo sobe e apura;
não creais que não vejo aquela imagem
que as gentes nunca vêem,
se de humana não têm muita vantagem"
(Ode VI, est. 3)

Isto mesmo se verifica no soneto 121: "Dizei, Senhora, de Beleza Ideia".

A Beleza, na sua essência, não é atingível pelo espírito humano, é da ordem do "divino" e do "misterioso":

"Aquele parecer que é infinito/ para se compreender
de engenho, humano"

(Elegia IV, terceto 3)

A Beleza é nomeada por diferentes "sememas": doçura, suavidade, repouso, alegria - são os sentimentos do poeta na presença da pessoa amada:

"E em mansa paz estava
Cada um com seu contrário num sujeito
O grão concerto este"

(Canção VII, est. 5)

2 - O sujeito-amante

Tem uma atitude de submissão total face à mulher amada (inacessível):

" ... A vida e a alma e esperança
é tudo quanto tenho, tudo é vosso"

(Soneto 17)

A acção do amante consiste em obedecer e contemplar: (Cf. Canção VII: "Manda-me Amor que cante docemente..."), é uma atitude de "êxtase místico" que o obriga à perda do conhecimento racional. A contemplação conduz o poeta a um grau de perfeito conhecimento:

"Quem será que não julgue por celeste
a causa donde um tamanho efeito
que faz num coração
que venha o apetite a ser razão?"

(Canção VII)

Encontramo-nos perante a teoria platónica do Amor:

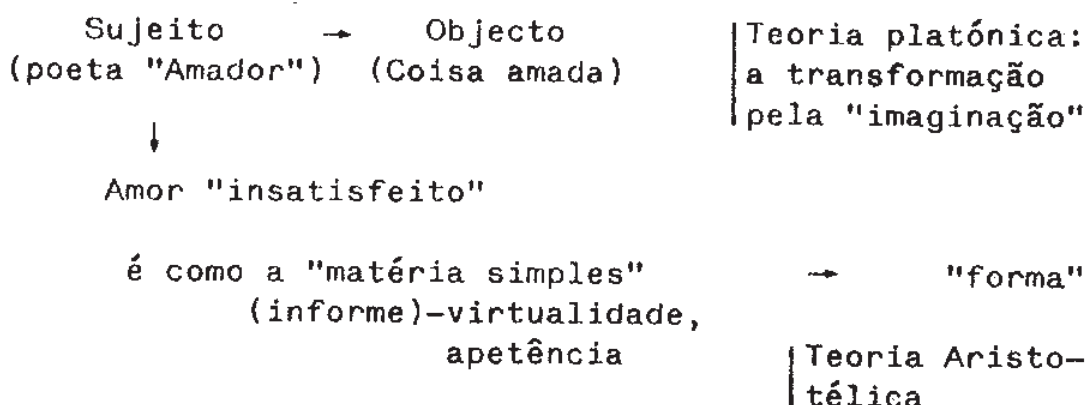
A causa celeste	a razão,	abstraindo do "apetite"
		é o método para o
		conhecimento.
provoca o apetite (no coração);		

A Canção VII é a canção da "harmonia" do amor (o "concerto" do amor) - harmonia que se encontra para lá das aparentes contradições, que o entendimento lhe recusava e que descobre na união mística com a beleza: é o estado da "mansa paz" (equilíbrio interior).

Para atingir esse estado, é necessário uma metamorfose. Na estância 3, o poeta descreve um processo de transformação da natureza e do sujeito-amante: possuído pelo amor, o sujeito-amante "transforma-se" para se poder aproximar da beleza e contemplá-la. A metamorfose, o renascer numa outra esfera, é, como sabemos, um tema querido dos clássicos (cf. Metamorfoses, de Ovídio). Vejamos o soneto: "Transforma-se o amante..." O Amor exige, pois, o "transformar-se": "transformar-se" implica renúncia, despojamento, e conduz à ascensão, à contemplação da Beleza.

(Vida do Amador = Vida da Amada)

Mas o **desejo** (Consciência do sujeito) impede a conclusão do processo de transformação.



Reaparece aqui o "arquétipo" da **mudança**, que contraria o estado de harmonia ("mansa paz"). O estado de harmonia é apenas um "relâmpago" fugidio. O poeta não pode permanecer nesse estado: vive num mundo contingente, onde tudo muda. A "insatisfação" caracteriza a situação do verdadeiro amante. A "ausência" é a situação normal. A contemplação é interior: é a memória da "senhora" que gravou na alma.

Esta "conversão" do amador na "coisa amada" "justifica-se", enquanto a mulher possui o "raio da divina fermosura". Esta teoria neoplatônica deve tê-la Camões "bebido" em Leão Hebreu:

"O amor perfeito entre o homem e a mulher consiste na conversão do amante na coisa amada, desejando que a coisa amada se converta no amante. A identificação dá-se quando o amor é igual em cada uma das partes".¹

"O amante converte-se e transforma-se na pessoa amada; os bens da pessoa amada são mais verdadeiramente do amante ... se a pessoa amada ama reciprocamente o amante".²

A gravação (ou impressão) da imagem da Senhora é, por vezes, referida como uma "escrita":

"Não sei que me escrevia/ dentro na alma co as letras da memória"

(Canção VII, est. 6)

A beleza da amada, como um "texto", escreve-se e lê-se; há um trabalho de "decifração", de "interpretação da escrita", que depende das faculdades do sujeito.

A "ascese" é fruto da intensidade do "desejo". Quanto mais se deseja a essência da beleza, mais se compreende o "invisível". A metáfora das "asas" (→ "voo") adquire um sentido de "libertação":

"... voa da própria casa
E sobe à pátria divina"
(*"Sôbolos Rios"*, est. 2)

A "pátria divina" lembra pela "reminiscência". É necessário haver um esforço para acordar as recordações, quase apagadas, do pecado e do desterro. É neste esforço que, para Platão, consiste a Dialéctica, criadora da verdadeira ciência e que se organiza, não com os sentidos, mas com as "ideias" - vestígios da primeira vida na morada celeste (Fedro). É estimulado por esta lembrança que o poeta "sobe", se ergue em "espiritual perfeição". Imaginando a "pátria" de que o pecado nos exilou, aspira-se à perfeição perdida. A ascensão pode partir do desejo da beleza física.

3 - O Amor

"O Platonismo é a única forma de mostrar a complexidade e o mistério de uma realidade excessiva: o desejo que permanece para lá do prazer, aquilo que não muda para lá da variedade das "flamas" (cf. soneto: "No tempo que de Amor viver soía)".³

Equacionado pelo platonismo, o amor é visto como um problema universal: importa desvendar a essência da beleza, cuja revelação só pode ser feita pela adesão mística, de intuição contemplativa, mediante um método: o Logos (a razão).

O que é o Amor? Segundo Platão, é um daimon (sábio, demiurgo), ser intermediário entre os deuses e os homens - é "desejo da coisa que falta" e conduz os homens "limpos" de espírito aos deuses, trazendo os benefícios dos deuses aos homens.⁴ Existem em Camões duas ideias de amor: o sensual e o místico, em que o primeiro subsiste através do segundo. A função do platonismo não é a de espiritualizar o desejo que não pode satisfazer-se na vida prática. A função do platonismo visa, sim, colocar tão longe o objecto do desejo que este, não podendo atingi-lo, continua vivo, "ardendo": garante a insatisfação, a permanência da chama. Camões quer o Amor, não a amada.

Já referi que a "ascese da ausência" preparou o espírito para o amor; o sujeito conhece o inefável e a alma "vê":

"Tais asas dá o desejo ao pensamento"

(Canção V)

A alma, iluminada pela visão da beleza imperecível, pode contemplá-la no seu interior. O Amor será o desejo de gerar (poiein) na beleza. A poesia é filha da beleza, gerada no amor:

Esquema Nº 3

Ideia (contemplada)



Espírito (recordação - reminiscência)



imagem



Escrita (poesia)

O amor satisfaz a sêde de imortalidade que estimula a vida, impelindo os mortais a perpetuarem-se:

"Se não por firme subsistência, ao menos por uma sucessão que não sofre perda alguma que a não repare, permanentemente introduzindo coisas novas em substituição das que se consomem"⁵

(Platão, Banquete)

O amor não apenas garante a renovação da vida, mas dá-lhe beleza e suavidade:

"... Faz sua morada nas almas dos deuses e dos homens ... não se detendo senão em corações brandos ... Mas, desde que Eros surgiu, do amor do belo provieram todos os bens de que gozam os homens e os deuses ..."⁶

(Platão, Banquete)

É por isso que Camões, censurando as ninfas, defende

"Aquele amor suave,
Aquele poder alto, a que, forçados,
Os Deuses obedecem ..."

(Écloga VI)

O amor "sensual", em que "luz" o "raio da divina fermosura", pode ser o ponto de partida para a Beleza em si mesma, erguendo-se ao "desejo de possuir eternamente o que é bom" (Banquete) ou ser "grau para a virtude" (Babel e Sião).

O amante sente-se "insatisfeito" com a experiência amorosa, mas, não alcançando o "Amor ideal" (platónico), acaba por se "enganar" com "outro tipo de amor":

"E assi, de enleada, a esperança
se satisfaz co bem que não alcança" (est.^a 6)
|...|
"Sabe, canção, que, porque não vejo
engano com palavras o desejo".

A "poesia" representa um processo de sublimação: realizar "em palavras" o que o "desejo" não alcança.

4 - O Platonismo nas redondilhas: "Sôbolos Rios"

As redondilhas "Sôbolos Rios" representam um esforço de redefinição de conceitos: é como que uma reflexão metalinguística sobre outros textos em que o amor é abordado.

O texto define-se por duas grandes linhas:

- A interpretação do Real, visando a inteligibilidade do mundo e da vida - distinção entre "ser" e "parecer" na busca da verdade.

- A salvação como felicidade pessoal - a libertação.

A questão da verdade coloca o problema nos planos ontológico e epistemológico.

O início do poema situa-nos perante o problema da "confusão linguística" e da impossibilidade de entendimento entre os homens. O saber é impossível. O homem, na sua juventude, está entregue à mutabilidade dos fenómenos, à fluidez do real:

"Variedade de mágoas
e confusão de Babel"

(5.^a estrofe)

As "águas dos rios que vão" - é uma imagem que simboliza a "fluidez" do tempo, mas também insegurança e morte. As consequências desta "mutabilidade" são o erro e a cegueira. Esta limitação impede o homem de ter acesso ao conhecimento, à visão directa da realidade, viciando o raciocínio:

"Sofistas que me ensinaram
maus caminhos por direitos"

(23ª estrofe)

Para entrar nos caminhos do saber (\neq doxa) é necessário o despojamento dos bens materiais; a sua posse dificulta-o e impede a consciência. A epistemologia platônica aponta para o desapego do sensível como iniciação ao "inteligível".

O "perder" (no presente) inicia a "libertação". A "ausência" aproxima-se do "ser", enquanto a "presença", pela ignorância, fica contaminada pelo "parecer" (sensível):

AUSÊNCIA → SER (inteligível)
(inquietação)

PRESENÇA → PARECER (sensível) - Doxa (opinião)
- "sofistas"

A "memória" tem aqui um papel relevante, enquanto "recorda" o "tempo passado" da felicidade (= contemplação das Ideias pela alma → reminiscência) e permite uma esperança no presente incerto:

"Porém se, para assentar
o que sente o coração,
a pena já me cansar,
não canse para voar
a memória em Sião"

(18ª estrofe)

A memória permite o "caminho" para um "novo universo" (inteligível). Mas não permite a contemplação da verdade, da essência:

"Não me lembras na memória,
senão na reminiscência"

(21ª estrofe)

A memória opõe-se à visão da essência, à contemplação directa do ser. A "reminiscência" aponta para um passado remoto, mas o "real" só é atingível através de uma acção conduzida pelo homem - o Real encontra-se no futuro. A memória, pela "reminiscência", assume um papel libertador (cfr. símbo-

lo do "voo" e das "asas") e tem uma função actuante e dinamizadora da acção do sujeito:

"Que a alma |...|
|...| tanto imagina,
que voa da própria casa
e sobe à pátria divina"

(21ª estrofe)

A memória adquire um papel salvador por subtrair a vida ao esquecimento. A metáfora da "pedra" (conotando perenidade, solidez, identidade) consubstancia esta função da memória. A memória permite não esquecer e esquecer seria "trair":

"A pena deste desterro
Que eu mais desejo esculpida
em pedra |...|"

(19ª estrofe)

A memória permite a libertação da doxa (opinião). O caminho para o saber "dói" e exige disciplina interior, despojamento.

Como vimos anteriormente, o "Amor" desencadeia o processo activo da busca do inteligível. É método para o saber. É a imagem da beleza humana que manda:

"|...|
Aquela Ideia
qu'em Deus está mais perfeita"

(23ª estrofe)

Aqui, o que interessa é a Beleza geral, o que implica o abandono do "objecto amado". O amor só é caminho para o conhecimento se o amante se desligar dos "afeitos", que conduzem ao erro e à ignorância:

"E os que cá me cativaram
são poderosos afeitos
que os corações têm sujeitos"

(23ª estrofe)

Mas o sujeito (poeta) é "limitado". Apesar de "lustrado

co santo Raio" ⁷, estando apto a descobrir a verdade, falta-
-lhe a "força" para seguir esse caminho e se libertar dos
"afeitos". A "graça" e a "disciplina" ajudarão o poeta:

"Tanto pode o benefício da Graça |...|" que
"|...| faz que, este natural
amor, que tanto se preza,
suba da sombra ao Real,
da particular beleza
para a Beleza geral"

(25ª estrofe)

À conversão do espírito e da vida corresponde uma nova
língua:

"Cale-se esta confusão
Cante-se a visão da paz"

(27ª estrofe)

O sujeito encontra-se no caminho do verdadeiro saber.
Não é a visão das essências (... contemplação directa das
Ideias), inacessível neste mundo, mas é já um "entendimento"
do mundo inteligível. A consciência - cristã - do poeta reco-
nhece (tal como em Platão) que há dois universos distintos
sem "comunicação". A única atitude do "crente" é a fé; Cf.
soneto:

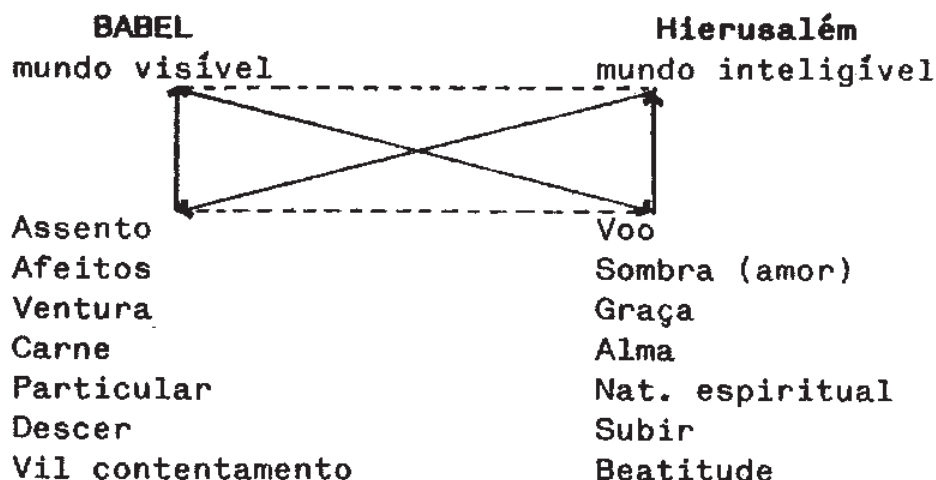
"Verdade, Amor, Razão, Merecimento"
... pensamento
 |...|
mas sabe que o que é mais que vida e morte
não o alcança o humano entendimento
 |...|
mas o melhor de tudo é crer em Cristo"

Nas "redondilhas", aponta-se um caminho para o homem
transitar de um mundo para outro: com o auxílio da "graça".
Embora seja nítida a influência platónica, logo clássica, é
também muito clara a consciência cristã do poeta.

O esquema que segue, proposto pela Drª Vitalina Leal de
Matos no seu livro O Canto na Poesia Épica e Lírica de Ca-
mões, pretende sistematizar a exposição anterior:

Síntese da análise das redondilhas "Sôbolos rios"

Esquema Nº 4



O percurso dialéctico ascendente é o da descoberta do mundo inteligível e real; o percurso contrário exprime a submissão à aparência, aos sentidos.

As redondilhas "Sôbolos rios" são um texto platónico, quer pela teoria do amor, quer pela teoria do discurso. O poeta começa por definir a sua situação, acabando por cair no desespero; mas, gradualmente, e com o auxílio da "graça", encontra o caminho da libertação (Dialéctica).

Conclusão

Procurei apontar algumas "pistas" de entendimento de parte da Lírica Camoniana sob a perspectiva do Platonismo. Julgo ser irrecusável esta intersecção. Camões, na esteira de Petrarca, assimila a filosofia platónica no que ela poderia contribuir para enriquecer a sua estética literária.

A riqueza de Platão consistiu em procurar explicar o mundo sensível pela Teoria das Ideias. A existência humana adquire sentido pela "participação" das Ideias, entendidas como essências, como o SER. A Teoria das Ideias é, no essencial, um método na procura da verdade.

A riqueza de Camões radica igualmente na busca incessante de um "equilíbrio" interior, precursor da verdade. Como sabemos, a vida de Camões é uma "dialéctica" constante de um homem "dilacerado" por tensões entre a alma e o corpo, entre o presente, a memória e o futuro, entre a vida e o Destino.

"Ilha dos Amores" e "Sião" são pólos distintos da sua aventura humana e espiritual. A "dialéctica" é o "motor" profundo da sua poesia. Camões vive o desejo insaciável, o fogo que não se apaga. A alma encarna esta permanente insatisfação na busca da Beleza. Para Camões, tal como em Platão, Babel e Sião (o mundo sensível e o mundo inteligível) são pólos de duas realidades distintas mas "unidas" pela "sombra" - Babel é a "sombra" de Sião, o "amor real" a sombra do "amor Ideal":

"É no interior da experiência real que o Homem -
desejante vê nascer do seu inevitável fracasso o
espaço imaginário e apaziguante em que o Desejo
se une à coisa amada"⁶

NOTAS

1. LÉON Hebreo, Diálogos de Amor, Diálogo 26.
2. *Ibidem*, Diálogo 36.
3. MATOS, Maria Vitalina Leal de, O Canto na Poesia Épica e Lírica de Camões, Fund. Cal. Gulb., Paris, 1981, pp. 227 ss.
4. Cf. Léon Hebreo, *op. cit.*, Diálogo 31.
5. Cit. in Hernâni Cidade, Luís de Camões, o Lírico, pp. 174-75.
6. *Id. Ib.*
7. Não haverá, nesta passagem, indícios duma analogia com o "raio de sol" da Alegoria da Caverna?
8. LOURENÇO, Eduardo, Poesia e Metafísica, Camões, Antero, Pessoa, Sá da Costa, Lisboa, 1983, p. 30.

BIBLIOGRAFIA

- CAMÕES, Luís de, RIMAS, Texto prefaciado por Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Atlântida, Coimbra, 1973.
- CIDADE, Hernâni, Luís de Camões, o Lírico, Liv. Bertrand, Lisboa, 1967.
- DIAS, J. S. da Silva, Camões no Portugal de Quinhentos, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1981.
- GOLDSCHMIDT, V., Platonisme et pensée contemporaine, Aubier-Montaigne, Paris, 1970.
- HEBREO, Léon, Diálogos de Amor, Ed. Esparsa - Calpe, Buenos Aires, 1947.
- LOURENÇO, Eduardo, Poesia e Metafísica, Camões, Antero, Pessoa, Sá da Costa, Lisboa, 1983.
- MATOS, Maria Vitalina Leal de, O Canto na Poesia Épica e Lírica de Camões, F. Cal. Gulbenkian, Paris, 1981.
- VILHENA, V. de Magalhães, Panorama de Pensamento Filosófico, Vol. II, Ed. Cosmos, Lisboa, 1958.